

A FEDERAÇÃO

ÓRGÃO DAS ASSOCIAÇÕES CATÓLICAS DE ITU

S. PAULO

DILIGITE HOMINES ET INTERFICITE ERRORES (S. to. Agostinho)

BRASIL

«A FEDERAÇÃO»

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

—EXPEDIENTE—

«A Federação» será publicada aos domingos pela manhã.

ASSINATURA: Por ano, 6\$000
Pagamento adiantado

XV DOMINGO DEPOIS PENTECOSTES

EVANGELHO DO DIA

S. LUCAS, CAP. VII, V. 11-21

Naquelle tempo (1) ia Jesus a uma cidade chamada Naim (2), e os seus discipulos, seguidos de grande multidão de povo, o acompanhavam. Quando se approximava da porta da cidade, viu que levavam um defuncto a enterrar: era um filho unico cuja mãe era viuva, e estava alli com ella grande numero de pessoas da cidade. O Senhor, movido a compaixão, a vista d'aquella mãe afflicta, lhe disse: Não chores. Depois tendo se approximado, tocou o esquife. Os que o levavam pararam e elle disse: Mancebo, levanta-te, eu t'o ordeno. Logo aquelle que estava morto se levantou, e começou a fallar: e Jesus o restituiu a sua mãe. Todos os que estavam presentes ficaram cheios de temor e glorificaram a Deus, dizendo: Um grande Propheta appareceu no meio de nós, e Deus visitou o seu povo. (3).

REFLEXOES PRATICAS

Aquelle defuncto que levou tristemente, para o depositarem no seio da terra, é a imagem de grau de numero de christãos que, pelo peccado, perderam a vida da graça, cada momento dos quaes é um passo para o inferno. «Sem estardes estendidos n'um sepulchro, nem roídos pelos bichos», diz S. João Chrisostomo dirigindo-se aos peccadores, vós sois mortos e vós que os mortos: os bichos não vos devoram o corpo, mas a vossa alma é despedaçada pelas paixões que n'ella reinam. «A vossa alma está sepultada no lodo dos vícios, e vós mesmos sois o vosso tumulo.»— Aquella mãe abysmada na dôr, que segue, derramando amargas lagrimas, o corpo inanimado de seu filho, é a figura da Igreja. Esta terna Mãe não cessa de chorar a perda de seus filhos que o peccado fez morrer; ainda depois da sua morte, não os abandona; pede-os incessantemente a Jesus Christo com seus gemidos e lagrimas, e excita com o espectáculo da sua dôr a de todos os outros seus filhos, figurado no Evangelho pela multidão que compartia a afflicção da desventurada mãe.

As circumstancias que acompanharam a resurreição do filho da viuva de Naim, são a figura das que acompanham a resurreição espirital do peccador, pela graça omnipotente do Redemptor. Jesus Christo, para resuscitar o morto, approximou-se d'elle; e é assim que elle faz sempre com os peccadores: aproxima-se d'elles pelos remorsos que lhes suscita, pelos bons sentimentos que lhes inspira, pelas exhortações que lhes faz ouvir, pelos avisos particulares que lhes faz dar, pelos bons exemplos que lhes põe diante dos olhos, pelas enfermidades que lhes envia, e pelas adversidades que lhes faz experimentar. Approxima-se d'elles de mil modos; mas ail multissimas vezes, em lugar de voarem aos braços que lhe estende, manifestam tanto afan em fugir-lhe, quanto o Salvador mostra em vir para elles, para tiral-os do deploravel estado em que se acham. Jesus Christo tocou o esquife,

os que o levavam pararam. Estes são a figura dos maus habitos e das paixões que conduzem os peccadores pelas vias da iniquidade, e que os arrastam para o abysmo eterno. Se querem que Jesus Christo lhes restitua a vida, é preciso que façam parar os que levam, isto é, que renunciem aos seus habitos viciosos, que declarrem guerra ás suas paixões e ponham tudo em acção para d'ellas triumpharem, que ponham cobro ás suas desordens, e evitem com o maior cuidado tudo quanto possa fazel-os tornar a cahir n'ellas. Quando a alma peccadora se deteve, quando começou a medir com terror a extensão dos seus males e a profundidade do abysmo em que cabiu, é que a bondade divina vem fallar-lhe. Jesus Christo estende-lhe a mão e lhe faz ouvir aquella voz saudavel que resuscitou o morto do nosso Evangelho, e a alma, reanimada por essa voz omnipotente, se levanta e se encontra com admiração e alegria nos numeros dos vivos. 3. A primeira coisa que faz o mancebo sentindo-se resuscitado, é levantar-se, conforme a ordem que lhe deu o seu libertador. Peccadores, Jesus Christo vos dá o mesmo mandamento: «Levantaes-vos, eu vol o ordeno». Levantaes-vos d'esse lodaçal de dissolações e crimes em que vos revolveis; levantaes-vos para que elle vos restitua vivos á Igreja que tem derramado tantas lagrimas desde o instante fatal em que o peccado vos deu a morte.

Felizes os peccadores que resuscitam assim e que se mostram docéis á voz do Senhor, quando elle lhes diz, como ao filho da viuva de Naim: «Levantaes-vos, eu vol o ordeno!» Mais felizes aquelles que, depois d'esta resurreição espirital, não tornam mais a cahir. Mas quam pequeno é o numero d'estes! quantas lagrimas se tem que derramar, vendo quam grande é a multidão d'aquelles a quem se poderiam applicar estas palavras do Principe dos Apostolos: «O que se diz ordinariamente, por um proverbio, lhes succedeu: o cão volta ao que elle mesmo tinha vomitado; e o porco, depois de ter sido lavado, vae para a lama para n'ella se espojar de novo.» Com effeito, apenas a graça os restituiu á vida, tornam a adormecer no somno da morte; depois de terem um instante levantado a cabeça, a tornam logo a abaixar, e voltam ao triste estado de que os havia tirado a graça; cahem nas mesmas faltas, contraheem os mesmos habitos, e entregam-se ás mesmas desordens. Assim todas as teridas da alma se lhes reabrem e aggravam: o veneno infecto que destillam deshonorra o sangue precioso que as havia ceirado; e a sua propria alma, infiel e ingrata, se torna semelhante aquella terra de que falla S. Paulo, a qual, sendo muitas vezes saciada das aguas da chuva que n'ella cae, mas não produzindo senão silvas e cardos, é considerada como uma terra rejeitada, e ameaçada de maldição. Concebe-se que haja christãos tam inimigos de si mesmos e da sua felicidade; christãos que, depois de terem recobrado a vida que tinham perdido, se tornem a metter no seu esquife para serem levados de novo pelos seus vícios para o abysmo eterno.

(1) O que se conta no Evangelho d'este dia, succedeu pouco tempo depois da cura do creado do Centurião.

(2) Naim, cidade da tribu d'Isachar.

(3) «E Deus visitou o seu povo», enviando-lhe o Salvador que lhe havia promettido.

Cristianização da França

No último Congresso da Obra da catequese sob a presidência do Cardinal Archebispo de Paris, realizou-se nessa grande Capital, e ao

qual concorreram representantes de mais de 50 Bispos francezes e numerosos congressistas de toda a França. Monsenhor Odélin leu importante memóris. Provou o illustre sacerdote que actualmente 40.000 cavalheiros catequisam mais de 200.000 crianças nas principais cidades da França; ao passo que em 1884, quando se fundou a mesma obra, existia esta apenas em uma paróquia e duas senhoras ensinavam o catecismo a 200 crianças.

A voz de um Pastor

Hoje mais que nunca, por toda a parte, os Supremos pastores do rebanho do J. C., confrangidos ante os grandes males que affligem a Igreja, levantam a voz e nos pedem voltemos os olhos e cuidados para a imprensa, donde nos vem todo o damno e donde nos pode vir o remedio.

Demos hoje a palavra ao venerando Cardeal Archebispo de Leão na carta pastoral durante a quaresma do anno passado, pouco tempo depois de os dois Prelados da Archidiocese terem condemnado dois jornaes maus daquela Cidade.

Ninguem pode negar que a chaga da Christandade actual é a apontada pelo illustre Prelado.

«Que processos tenha empregado a imprensa inimiga para conseguir seus fins facilmente se deixa ver: a mentira, a desvergonha, as falsificações historicas, a fraude atrevida na citação dos proprios textos, a deturpação dos nossos santos dogmas, a zombaria picante e rancorosa, e, o que é peor que tudo, a desmoralização systematica do povo; taes as facies e malevolas industrias que diariamente ella põem em practica com persycerança pertinaz.

E ainda, se essas folhas, empenhadas em satânica empreza, servissem o alimento nocivo só ás almas já escravas do erro e da incredulidade, poder-se-hia hesitar em as denunciar na sua obra de maldade. Mas não podemos hoje admittir sombra de duvida sobre um facto realmente extranho, sobre que ha muito nos chamaram a attenção; e vem a ser que familias christãs, observantes por outro lado dos essenciaes deveres de christãos, se permittem a leitura assidua dessas publicações, manifestamente hostis á sua fé.

Nutrido-se diariamente a alma com essas falsas doutrinas; apascentando a sua curiosidade com as novidades astuciosamente apresentadas, expõem-se assim imprudentemente á influencia continuada dessas leituras nefastas, que têm por effeito o enfraquecimento das convicções christãs, as vacillações do espirito em pontos religiosos, numa palavra a anemia da alma, que a deixa em estado de succumbir á primeira tentação que a assalte.

Outro facto não menos anormal e não menos funesto é que, pela compra dos maus jornaes e uso que fazem da sua publicação, os catholicos subvencionam, por fim de contas com os seus dinheiros os inimigos da religião, dão petrechos para a guerra contra si proprios, pagando-lhes e remunerando-os na lucta contra a cidade christã...

O poderio da imprensa, mormente da imprensa diaria, sempre crescente, é hoje um facto incontestavel. Ella é que hoje forma a opinião, ella é que impera na sociedade actual.

Ora é um facto gradualmente triste e evidente que as seitas maçonicas se apoderaram da sua poderosa influencia.

O erro na sua diffusão avante-se á verdade; é mais efficaz o trabalho de ataque do que o de defesa.

De tudo isto se conclue, com Leão XIII, como é de absoluta necessidade concentrar todos os nossos esforços por tornar poderosa a imprensa catholica.

«Já que se trata de uma seita que invadin tudo, escreve o grande Pontifice ha quasi vinte annos, não basta que ante ella se tome a defensiva, é mister de frontala e contra ella dirigir corajosamente os ataques.

«Consequireis isto, oppondo jornal contra jornal, escola contra escola, associação contra associação, esforços contra esforços.

«Bem vedes, veneraveis Irmãos, dizia ainda o mesmo Pontifice Leão XIII, como os inimigos da Igreja encarnicadamente se empenham em diffundir tanto pelos jornaes como pelos livros o veneno dos seus erros e opiniões perversas entre o povo e a corromper os bons costumes e a desviar as multidões da practica da vida christã.

Entendam-no bem os que estão comvoseo: é mais que tempo de se oppor um energico esforço neste sentido; a todo o custo é preciso oppor-se a esta imprensa uma outra, tão bem montada que sustente o formidavel embate, que tem de soffrer, e que se acuda com remedios efficazes contra estes males.

Não basta fundar jornaes catholicos. É preciso diffundi-los. Eis o modo de exercer hoje um verdadeiro apostolado: ou uma das formas de mais actualidade do apostolado hodierno.

Os modos da exercer esta propaganda são diversos, e sobre estes é que com grande empenho aconselhamos toda a vossa attenção. Tenha-se presente que a obra da boa imprensa é obra de todos. Cada qual deve interessar-se por ella segundo a medida das suas forças; e offerece ella um vasto campo para a actividade e dedicação dos catholicos, que se empenhem nas necessidades dos tempos actuaes...

M.

Foi publicado um Motu próprio de Sua Santidade o Papa Pio X.

Este documento demonstra a solicitude do Santo Padre, pel s emigrantes que vão a terras longinquas buscar trabalho e mostra a necessidade de se lhes atender ás necessidades espirituais pela secção especial consistorial criada para providenciar, de acôrdo com as sociedades em favor dos emigrantes, a tudo quanto seja necessário á saúde e ás almas dos emigrantes catholicos do rito latiao.

A Propaganda Fide está providenciando para que o rito sirio tenha idêntico procedimento.

FELIZES OS CORAÇÕES PIROS

Leonardo de Vinci passou, dizem, longos annos no convento dos Franciscanos em Florença. Longe do ruído da opulenta cidade á sombra tranquilla do claustro, acalentado pelo canto das doces psalmodias, e poderoso mestre florentino meditava. O amor de Jesus, junto á solidão, dava a esse génio vãos soberbs para o mais puro ideal.

Um dia, no entusiasmo da inspiração, o artista teve o desejo de desenhar a Santa Coza. Cada personagem foi esculpulosamente estudada.

Um novici, de rosto angélico, olhar um pouco triste, embora os olhos tivessem con-

servado ainda a radiosa pureza, poucou para o Cristo. Um adolescente, bello como o dia, com os longos cabelos flutuando sobre os braucos ombros e um sorriso de deçura sobre os lábios finos, representou S. João, o discípulo querido. Leonardo percorria pacientemente todas as encrezilhadas da cidade para escolher os modelos.

O trabalho estava quasi concluido. A pintura de cores vivas e tipos variados ornamentava magnificamente a sala do Capitulo. O Cristo tendo nas mãos o copo de ouro, estava extendido sobre um rico leito oriental; em redor do Salvador os apóstolos, em pé, pareciam entoar o «hallel» pascoal.

Judas Iscariote faltava entretanto. A piedosa Florença buscava em seu amago um homem assaz feio para figurar Judas?

O grande mestre, havia seis annos procurava em vão o modelo. Uma tarde, quando passeava no campo e que os últimos raios empurpados do sol poente desapareciam lentamente por detrás das longinquas nuvens, Leonardo viu perto de si um homem coberto de andrajos; o olhar era fugitivo e os cabelos em desordem caíam lamentavelmente sobre a fronte.

— Meu amigo, disse-lhe o artista com doçura, quer vir amanhã ao convento de Santa Maria? Tenho necessidade de um modelo: você me prestará grande serviço.

— Sim, irei, — respondeu secamente o infeliz.

Logo de manhã, quando os pássaros cantavam nos souts cheios de ninhos e de junquillos, quando o céu de um azul terno sorria sobre as planicies cobertas de trigo novo e de vinhas em brôto, o mendigo veio bater a portã do mosteiro franciscano. Leonardo ao vê-lo, tomou immediatamente sua genial palheta e, sobre a pintura, delineou em alguns traços o rosto do medonho modêlo.

De repente, o mendigo desatou e soluçar e exclamou, juntando as mãos:

— O mestre! O mestre, como sou infeliz... Não me reconhece? Vejo que o peccado me desfigurou completamente. Há dez annos era eu que era o bello S. João!

Em alguns annos os vícios tinha horrivelmente transformado o adolescente de olhos azuis, lábios róseos e cabelos de ouro!

O grande artista, comovido, tomou o infeliz nos braços, apertou-o sobre o coração e disse-lhe abraçando-o com ternura:

— Espera, meu filho, podeza ainda voltar a ser S. João!

Não é essa legenda a história de muitos? A impureza rouba aos olhos essa doce serenidade, origem de tantos encantos, desde a fronte, sede de intelligência e tronco de beleza mutila o coração, paraliza o entusiasmo e fabrica túmulos para cadáveres de vinte annos!

Como é justa e cruel a palavra de um célebre escritor deste século, quando fala da sua alma «desveludada» aos cincoenta annos! Hoje é aos quinze annos que o veludo da alma se desbota para não mais brotar!

Sob o sôpro do vício a mocidade não passa, se estiola e morre para não mais florescer!

PIBANHA, 9-7-1912.

ESTADOS UNIDOS.—Os catholicos americanos trabalham por corresponder ao que deles nos presentes tempos exigem o espirito religioso verdadeiramente pratico; acabam de dar um mostra da

amor do amor, que cultivamos as inteligências para em tudo quanto diz respeito a instrução católica.

O *Holy Cross College* (Colégio de ensino superior) instituído em Springfield, (Massachusetts) sendo insuficiente para o grande número de alunos nele matriculados, e que aumenta consideravelmente cada dia, o Sr. Bispo da diocese D. Beauveu, falou ao clero por ocasião das conferências anuais, de necessidade de aumentar o edifício para o qual precisavam se 100.000 dólares.

Após, o povo católico da referida diocese soube do pedido do seu bispo, se iniciou uma subscrição que em poucos meses se viu elevada à quantia pedida. Eis um modo prático de atender sem reuniões sem demoras ao que as circunstâncias presentes exigem dos católicos.

Outro dos acontecimentos que caracterizam a vitalidade do catolicismo nos Estados Unidos, foi a imponente manifestação por motivo da inauguração do monumento a Cristóvão Colombo, em Washington. De todos os Estados Unidos assistiram numerosos representantes de católicos, calculando-se em mais de cinquenta mil os que desfilarão perante o Presidente da República Mr. Taft, indo na frente forças do exército e da marinha, presididas pelo general Evans, e muitos oficiais em primeiro uniforme. Pela noite se celebrou um baquete de mil e quinhentos talheres ao «Conventron Hall», adornado caprichosamente com bandeiras norte-americanas e espanholas.

Pronunciaram discursos o cardinal Gibbons, o presidente da Câmara Mr. Clark e outros Mr. Monahan e Mr. Scott reclamaram para a Espanha a glória da civilização e cristianização do continente americano. Mr. Walls propôs um brinde especial extraordinário à mulher espanhola a quem principalmente se deve a descoberta da América, Isabel a Católica, sendo muito aplaudido ao terminar.

No dia seguinte celebraram nos jardins da Casa Branca, uma missa de campanha, sendo dada depois ao povo a bênção apostólica. O P. Russel no discurso que fez nessa ocasião, salientou a liberdade e a tolerância que existem na América para o catolicismo. Depois, em procissão em que figuravam algumas dezenas de milhares de católicos, se dirigiram todos à igreja de S. Patricio, sendo presenciada a scena por uma imensa multidão de protestantes que respeitosamente se descobriram admirando aquele solene cortejo.

Esta é uma prova de que as nações mais cultas e prósperas são também as mais entusiastas e respeitadas para com o catolicismo.

Pobres protestantes!

Não passam de uns rebeldes e insummissos contra a Igreja verdadeira religião dos taes protestantes.

A ignorância ou boa fé é que atenua a misera condição em que se encontram quanto à sua salvação. O ponto está em que se encontrem nessa boa fé!

O caso deles é parecido ao de qualquer rapazola, estroina e vadio, que se revolta e insurge contra a sujeição e obediência, a que está sujeito no lar paterno. Grita, barafusta e protesta, porque o não deixam viver à redea solta.

Porque é que protestou Henrique VIII, arrastando consigo toda a Gram Bretanha? Porque o Papa lhe não reconheceu, nem podia reconhecer, por nullo o seu matrimonio com Catharina de Aragão. Um amor ilicito e concubinato com Ana Bolena é que extraviou aquele pobre rei, que merecera o titulo de *defensor da fé*, e o fez apostatar, exactamente como já fizeram apostatar a Salomão as mulhieres idolatras. Eis o facto que ocasionou a existência de mais de metade dos protestantes hoje no mundo!

Porque é que Lutero protestou contra as indulgências, seu primeiro acto de rebelião contra a Igreja? Porque não o incumbiram a elle de as pagar. Não tanto o ceigo a sua requintada soberba e paixão que se levantou contra elle deixou o habito de frade, despois de uma religião, e fundou uma religião que por completo prescindiu das boas obras para a salvação. E realmente commoda tal religião...

Porque é que apostatou um João Calvino e se bandeou com Luthe-

ro, Melancthon, Zwinglio e mais corypheus do protestantismo? Porque por sua má vida e, sobretudo, desentreada continência se lhe tornava insupportavel e pezo-lo o suave jugo da religião catholica.

Que razões teve, por não de cortas, a fundação do protestantismo e sua larga diffusão no mundo? As paixões, só as ruins paixões!

Pobres protestantes! Desde que, qual tronco inutil, da Igreja se separaram, onde estão os seus milagres, os seus actos de santidade heroica, os seus santos, outrora formosissimo ornamento das regides septentrionaes? Tudo desapareceu, com a unidade de fé, severidade de costumes, santidade de vidas!

E querem que tomemos a serio esse *protestismo* que por ahí vege-

ta em Terras de Santa Cruz, sustentado á força de dinheiro que lhe vem de fóra? N.

Depois de 44 anos de brilhantes serviços militares, gozava sua aposentadoria em Avanches (França) o general Olivier, mas sempre occupado em auxiliar as nobres causas cristãs.

Faleceu agora com as consoladoes da fé. Sentindo chegar o último momento pediu o crucifixo e colocou-o sobre o peito.

—Está bem! disse Deus sobre o coração do velho soldado.

Mandon colocar sobre o leito o estandarte dos veteranos, e expirou.

7 DE SETEMBRO

Ultrapassaram a toda a expectativa as festas comemorativas à data da nossa Independência, realizadas nesta cidade; e não podia ser de outra forma, porque o Iju de hoje, dia a dia vai se compenetrando de que para esse acontecimento cooperou fortemente o Iju de outrora.

Daqui partiram os primeiros gritos de independência, e o célebre manifesto de 1821, da nossa Câmara, redigido por Paula Sousa, é um documento de valor inestimável, e que abalou na sua base o poste a que estávamos acorrentados até 7 de Setembro.

Mas voltemos às festas que, por motivo de breca maior, foram celebradas na véspera, no dia 6.

Às 5 horas da tarde, saiu do edificio do grupo escolar *Cesário Mota*, o grande préstito cívico, constituído pelos alunos e alunas dos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos desse estabelecimento e seus respectivos director e professores, acompanhados pela banda *União dos Artistas*.

Conduzido por quatro meninos, foi em andar, artisticamente ornamentado o retrato do conselheiro Francisco de Paula Sousa e Melo, tido pelo estandarte do grupo e bandeiras nacionais.

Chegado no cemitério da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, onde se acha o túmulo desse grande ituano, alunos formaram em círculo em volta do túmulo, que se achava vistosamente ornamentado com flores naturais.

Proferiu então o aluno D. terceiro ano, Astrogildo Cintra, o seguinte discurso:

MESTRES! COLEGAS!

Grande é a pátria que tem datas como esta para comemorar!

Grande é a pátria que teve filhos como aquele cujos restos repousam neste túmulo, para dignificar!

As datas representam escolas de civismo para a mocidade que se instrui; os homens que pelos seus serviços registraram essas datas no grande calendário, que se chama história, são os pontífices máximos que officiarão no altar sagrado da pátria!

Comemorando umas, e dignificando, outras; seremos merecedores do aplauso da posteridade; porque iremos dia a dia como o veículo das tradições, transmitindo aos nossos menores, os ensinamentos que recebemos de nossos maiores!

E vós, Francisco de Paula Sousa e Melo: vós que fostes um dos mais fortes baluartes para nós e a continência que a história registra com a denominação de Independência do Brasil e que hoje comemoramos; recebei a homenagem de vossos pequenos patriotas, que aqui veem, jubilosos de vos prestar esta homenagem, aprendendo convosco a ser patriotas!

Inspirados a nós, as crianças, para que também possamos quando combalamos no sossego da camp, repousar tranquilos, por termos cumprido na trajetória da vida, os nossos deveres cívicos, cooperando nas medidas de nossas forças para o engrandecimento da nossa querida pátria, do gigante do Cruzeiro.

Salve! a memória sacrossanta de Francisco de Paula Sousa e Melo! Salve o 7 de Setembro!

Em seguida a aluna do quarto ano Francisca de Arruda Almeida recitou os bellos versos de Venceslau de Queiroz "Elegia de hoje"; e depois pelas alunas do mesmo ano, Marieta Martins, Angelina Francisco e Francisca Backman, proferiram uma bellissima oração fúnebre.

Falou depois o aluno Orfeo Bardiní que proferiu o discurso seguinte:

CAROS COLEGAS!

É uma lição que diariamente nossos mestres nos ensinam, a de venerarmos a memória dos grandes brasileiros. Outra coisa não vemos aqui fazer.

Estamos diante do túmulo de um grande filho desta terra, dum ilustre brasileiro que assinalados serviços prestou à nossa estremecida Pátria.

Esse brasileiro, meus caros colegas, foi Francisco de Paula Sousa e Melo, cujo nome glorioso jamais se deverá apagar de vossas memórias. Era nosso conterrâneo, era filho de Iju, fôra nosso querido torção, que tantos filhos tem dado à nossa Pátria. Aqui de ensaio os seus primeiros passos; aqui ele se fez homem; aqui ele iniciou a sua brilhante carreira politica que o levou aos altos cargos que occupou no governo do país.

É um nome venerando de um grande estadista e de um grande brasileiro.

Veneramos sempre, meus colegas, como se venera a memória dos benefactores da Pátria, daqueles que tudo sacrificam pelo bem, pela felicidade, pelo progresso, pela segurança da terra que os viu nascer, do seu berço querido.

Salve a memória benemerita de Francisco de Paula Sousa!

—Falou em seguida o professor Felício Marino, pelo corpo docente do grupo; seguiu-lho com a palavra o noticiarista desta folha, F. Cintra e por último o dr. Eugénio da Fonseca, que terminou sua brilhante oração lendo uma bela poesia de sua lavra.

Foram depois colocadas nos ângulos do túmulo, duas ricas coroas de flores naturais que foram conduzidas pelas alunas Judite Penteado, Marieta Martins, Francisca Backman e Francisca de Arruda Almeida.

Depois os alunos passaram todos pela frente do túmulo em retida, tornando ao grupo.

O estandarte do grupo foi conduzido pela aluna Suzana Castanho Carneiro, e as bandeiras nacionais pelos alunos: Maria do Carmo Arruda, Clóvis Castanho Carneiro e Joaquim da Fonseca Filho.

Associaram-se ao préstito, vereadores municipaes, muitas exmas. senhoras e cavalheiros da nossa sociedade, dando grande realce a patriótica homenagem ao extraordinário estadista ituano.

Durante o trajecto, como nos intervalos dos discursos a banda *União* tocou o hino nacional.

Foi, pois, uma bela lição de civismo que receberam as nossas crianças, indo aprender ali junto ao túmulo do grande morto, o que é patriotismo.

As 8 e pouco da noite, estando o vasto salão do Clube repleto de exmas senhoras e cavalheiros, teve começo as solenidades com que esse Clube iniciou a comemoração das datas nacionais.

A ornamentação do clube foi cuidadosamente feita pelo dr. Arelino Borges que imprimiu

na belleza e simplicidade, prevalecendo as cores verde e amarela, nos apanhados, colunas, de onde sobressaíam, escudos e bandeirinhas de todas as nações.

Após ter a orquestra executado o hino nacional, deu-se a inauguração do retrato do eminente ituano o conselheiro Paula Sousa, com o discurso do dr. Arelino Borges.

O programa, foi executado a risca e sob muitos aplausos pela assistência.

Falou o sr. Afonso Borges, explicando a razão da comemoração e apresentando o conferencista, professor Felício Marino, que prendeu a atenção do auditório, com sua palavra simpática, sendo ao terminar muito aplaudido.

Finda a conferência, começou o animado baile, que, prolongou até a é ao alvorecer.

A meia noite foi queimada uma bateria de 21 tiro, subindo aos ares muito foguetes.

Por essa ocasião falou o professor Francisco Mariano da Costa Sobrinho.

Foi em suma, brilhante a comemoração do 7 de Setembro nesta cidade.

PRIMEIROS TRABALHOS

DUMA HORTA

A par da industria manufacturera, beneficiamento do café, arroz e cultura do algodão poderia e deveria dar-se tambem um desenvolvimento agricola de grande importancia a Iju e seu termo.

Serão enormes as vantagens que desta industria podem advir a esta cidade, quando nella se conhecerem bem e se puzerem em pratica os progressos que noutras partes se usam em larga escala.

Tendo-se aqui grande extensão de terras desaproveitadas e baratas, havendo animaes de facil sustento e muitos pastos para estrumes, não faltando as aguas de chuva e regadio com clima favoravel, o que é que falta a Iju para possuir optimas hortas e uma alimentação sadia, gostosa e variadissima durante toda a roda do anno?

Só o conhecimento pratico das culturas e modo de aproveitalas como alimento. Vejamos lhes alguns pontos principaes muito por alto.

Os terrenos para hortas devem ser planos ou com pouco declive. A vizinhança da agua ou facilidade de obtela é tambem uma condição indispensavel para se ter grande variedade de hortaliças, a maior parte das quaes exigem as regras e bastante frequentes.

A extensão dum horta depende do fim que se tem em vista ao fazela, da variedade das culturas, que se quer obter, do consumo e capital de que se dispõe. Porque não faltando este, já se pode pensar no uso de bombas ou arietes para subir a agua, nos tanques para a juntar; assim como nos adubos e criação d'animes indispensaveis para as obter, na casa do hortelão e m'outras coisas.

A questão dos terrenos é o menor, porque todos são fundos no E. de S. Paulo; e a inferioridade relativa delles corrige-se com a lavoita, as cavas, gradeamentos e diversos modos de os adubar. A fazenda é fazenda.

A cerca é coisa indispensavel a uma horta, para impedir-se a entrada dos animaes d'aminhos e resguardo das plantas. A melhor é a feita de tijolo, já pela duração e elegancia, já pela melhor vedação. Nem porem todos estão nos casos de assim a poderem fazer; ella pode muito bem ser feita de guarantã e outros paus ou tambem de taquara grossa segura com arame, que veda melhor.

A cultura e adubos são os principaes cuidados dum boa horta, e delles depende tudo.

Porisso o primeiro trabalho, o que mais custa, nos terrenos novos, duros e encruados, quaes são os do Brazil, é uma boa lavoira ou cava funda de 30 a 40 centímetros, com uma grande camada de estrume grosso, misturado com a terra, para a corrigir, tornar porosa e solta; porque só assim esta se tornará permeavel e circulará nella o ar, as chuvas e elementos fertilizantes indispensaveis ás plantas.

É regra geral que, quanto mais se remexer a terra e se lhe der o humus e adubos que a tonem fofa, tanto mais ella produzirá, se não lhe faltar a regra.

O arado ou charrua com a grade por cima são os meios mais

baratos para se conseguir a boa preparação do solo, para as produções vegetaes; ainda que a enxada ou pá fazem o trabalho mais perfeito.

Lavrada ou cavada a terra e adubada com estume grosso, reparte-se depois esta em talhões, uns maiores para as culturas de maior extensão, que exigem muitos cuidados como couves, nabos, feijões de trepar e andes, batatas, beterraba, etc.; e outros menores ou *canteiros* que se destinam a plantas mais delicadas e que exigem regas quasi diarias, estrume fino e miúdo e terra mais remexida. Neste caso estão as alfaces, os tomates, as cebolas, a salsa e muitas outras; assim como os *alfofres* ou taboleiros, em que se semeiam as hortaliças que se hão de depois transplantar e repartir pela horta.

A questão dos adubos é das mais vitaes para uma boa horta; e não é difficil de resolver para o Brazil, onde ha tão bons pastos. Mas é um assumpto vasto e pouco practicado, e pederia longo estudo.

O melhor nesta questão de hortas é arranjar-se um bom hortelão, muito entendido em todos estes assumptos e com muita pratica, applicada ao Brazil; porque senão, perde-se muito trabalho e fazem-se muitos gastos com pouco fructo.

Comtudo, sendo este ponto da horticultura de tanta importancia para o sustento, bem estar e progresso material e até moral do Ytu, bem se poderia e conviria arranjar aqui uma como *horta-escola*, em que todos vissem practicamente e quasi apalpassem os thesouros que da terra poderiam tirar, e que deixam desperdiçar, ou porque não conhecem, ou porque não têm os estímulo dos exemplos entre tantas famílias.

Deixar continuar as coisas como vão é que não convem.

M.

Movimento religioso

ASSOCIAÇÃO DAS DAMAS DE CARIDADE

Comunico às Senhoras Damas de Caridade que o Revmo. Director marcou a reunião quinzenal da Associação para terça-feira, 10 do corrente às 5 e meia horas da tarde, no lugar de costume.
2 a secretária

Notas e Noticias

Festa das Dores

Começará amanhã na igreja Matriz o selenário em preparação a festa de N. S. das Dores constando de pratica e bênção do Santissimo Sacramento às 6 1/2 da tarde.

Domingo, 15 às 7 horas da manhã, missa communhão geral; às 10 horas missa cantada; às 6 1/2 da tarde, pratica e bênção.

Prepará nesta festa o exmo. Monsenhor José Rodrigues Seckler.

Colégio S. Luis

Os alunos da primeira divisão deste estabelecimento, realizaram na última quinta-feira, a festa de seu patrono; e à tarde no salão nobre, verificou-se um sarau lirico-dramático, com o seguinte programma:

LE DÉPART LUDOVIC, pela orquestra.
GAMELA OU A SENHA DE RESSONAR

Farça em um acto

PERSONAGENS

GAMELA, soldado — Augusto C. de B. Cruz
TREMENDO, coronel aposentado, tio de Luis — Sebastião Góis Conrado
LUIS, Jovem tenente, — António Vitalob
MOXILLA, ordenança do coronel Francisco Franklin de Almeida
PUNTO — Rogério de Camargo

SOLO DE VIOLINO, com acompanhamento de Piano pelos srns. Tristão Júnior e José Teseari.

AVENTURAS DE DOIS LACAIS

Farça em um acto

PERSONAGENS

LOURENÇO — O. Milton Nogueira Ortiz
FRONTINO — Reinaldo Balção Giudice.

PONTO—José Ribeiro Lar-
nes

VALSA, G. Metallo
ODE, pela orquestra
J. BERSAGLIERI (marcha)
CUCONATI, pela orquestra.

Escola Normal

Já seguiu para a capital,
para ser entregue ao dr. Ro-
drigues Alves, a representação
do povo ituano, pedindo a cria-
ção de uma escola normal nesta
cidade.

A representação será entre-
gue ao dr. Presidente do Es-
tado pelos srs. drs. João Mar-
tins de Melo Júnior, deputado
estadual por este distrito, e
Godofredo da Fonseca, Presi-
dente da Câmara Municipal,
desta cidade.

A representação vai acompa-
nhada de um officio da Câmara
Municipal do Salto de Itu, con-
cebida nestes termos:

«Câmara Municipal do Salto,
em 24 de Agosto de 1912. —
Exmo. sr. dr. Francisco de
Paula Rodrigues Alves, illustre
e benemérito Presidente do
Estado de S. Paulo — A Câmara
Municipal do Salto de Itu, pe-
los seus membros infra assina-
dada, vem respeitosamente
representar a v. exc. sobre a
palpitante necessidade da cria-
ção de uma escola normal na
vizinha cidade de Itu.

Cidade confortável, de clima
excelente, de meios fáceis de
subsistência, e servida por es-
trada de ferro, Itu, cujas tra-
dições figuram brilhantemente
na história de nossa pátria,
está em vantajosas condições
de merecer um estabelecimento
de ensino daquela natureza.

Constituindo Itu o centro da
zona que abraça diversos mu-
nicípios importantes, entre os
quais se destaca, evidentemente,
o nosso, cujo valor industrial
está se desenvolvendo vertiginosa-
mente, uma vez criada a
aludida escola, muito lucrarão
os filhos desta terra, que ahi
poderão receber facilmente os
benefícios da instrução.

Portanto, pedimos e esperam-
os que v. exc., tomando na
devida consideração esta justa
aspiração, se digne ampará-la
perante o Congresso Legisla-
tivo. — Saúde e fraternidade —
(assinado) — Luis da Silva Leite,
presidente; Adriano Lopes, vice-
presidente; Luis Dias da Sil-
va, João Baptista da Cruz e
Silvio Montebello, vereadores».

Por estes dias, a Câmara
Municipal desta cidade reúne-
se para tornar efectiva a doa-
ção ao governo, do prédio de
sua propriedade, caso seja
criada a escola.

O prédio da Câmara é um
dos melhores desta cidade, es-
colado na rua da Palma, em
ponto muito central, e possui
ótimas salas, muito claras e ven-
tiladas, satisfazendo ás maiores
exigências da hygiene, sem ne-
cessidade de grandes obras de
adaptação.

Também seguiu, encaminhan-
do a representação um officio
do sr. Prefeito Municipal, re-
comendando o pedido e scienti-
ficando o Governo, da dispo-
sição em que se acha a Câmara
do fazer doação do prédio para
a escola.

Ansiosos esperamos a palavra
do Governo: e temos alguma
esperança, pois sabemos que
os nossos representantes na
Capital, estão empenhados nes-
se propósito.

Consórcio

Realizou-se ontem em oratório
particular o consórcio da senhora
Ercilia da Costa Pinho, com o
sr. Edistio de Camargo Santos.

Os noivos pelo trem da tarde
seguiram para Santos.

Muitas venturas desejamos ao
novo casal

Hóspedes

Estiveram na cidade os pro-
fessores Gastão Silveira Macha-
do, João Pinto Correia e Otelo
Correia Galvão, residentes na
vizinha cidade de Cabreúva.

—Acha-se entre nós, hospeda-
do em casa de seu filho, pro-
fessor Francisco Mariano da
da Costa, adjunto do nosso
Grupo Escolar, o velho ituano
José Mariano da Costa.
Cumprimentamo-lo.

Sociedade Pastoral Ituana
Por iniciativa do sr. Hermo-

genes Brenha Ribeiro, consti-
tuíu-se nesta cidade a Sociedade
Pastoral Ituana, para importa-
ção de gado em larga escala,
tanto para o corte, como para
reender a criadores.

A nova sociedade pretende
não só vender o gado em pé,
como também abatido, no ma-
lhadouro.

A sociedade começou com o
capital de 20:000\$, devendo
logo que trate de adquirir cam-
pos para engordar, elevar esse
capital a 150:000\$, ou talvez a
mais.

Fábrica «Perseverança»

A convite dos srs. Bardini
Montebello, fomos na terça-
feira última, assistir ás pri-
meiras experiências da sua nova
fábrica de tecidos, estabelecida
à rua de S. Ana, desta cidade.

A esse acto compareceram
representantes da imprensa e
muitas pessoas gradas, ás quais
foi servido profuso copo de
cerveja, sendo os srs. Bardini
& Montebello muito felicitados
pelos presentes, pela sua ar-
rojada tentativa.

A Federação, grata ao con-
vite para se fazer representar
nesse acto, felicita os operosos
industriais.

Falecimentos

Nesta cidade faleceu e foi
sepultada na tarde de segunda-
feira, a exma. sra. d. Luísa
Dias, irmã dos srs. José Dias
Ferraz Neto e Elias Ferraz de
Sampaio.

—Foi sepultado na terça feira
o jovem João Martins de Cam-
argo, filho do sr. João Mar-
tins Leme, official de justiça.

A banda «30 de Outubro»,
à qual o finado pertencia, com
pareço incorporada ao seu
saimento.

—Faleceu sexta-feira sendo
sepultado ontem as 11 e meia
da manhã o prestante cidadão
sr. João Carlos Xavier.

—Faleceu também durante a
mesma semana a estinuda se-
nhora Teresa Teodora

As famílias enlutadas, as
nossas condolências.

Dr. Graeciano

Como era esperado, chegou
na noite de sábado da semana
antepassada, a esta cidade, de
regresso da Caxambu, onde
fora em busca de melhora para
a sua saúde, o estimado clinico
dr. Graeciano de Sousa Geribelo.

S. S. foi aguardado na pare-
da Sorocabana, por crecido
número de amigos que foram
apresentar-lhe as boas vindas,
e as duas bandas locais, *União
dos Artistas e 30 de Outubro*.

Em nome dos presentes falou
o advogado sr. José Inocencio,
felicitando o dr. Graeciano.

Da estação, subiram a pé,
até a residência do recém-cha-
gado, que, agradecendo a ex-
pontânea manifestação de seus
conterrâneos, ofereceu-lhes pro-
fuso copo de cerveja, trocando

—se ainda al. muitos brindes.

A Federação, sentindo jubilar
de vê-lo novamente, forte e
cheio de vida e animação en-
tregue de novo nos seus
labores de sua nobilíssima pro-
fissão, e apresenta-lhe também
as boas vindas.

Monumento da Independência

A convite do professor Demé-
trio Blackmani, visitámos há dias
a sua aprazível vivenda, onde nos
foi dado admirar o belo esboço
do monumento da Independência,
cuja feitura acaba de concluir, e
que, sem exagero podemos afirmar
ser a mais genial concepção que
temos visto.

Blackmani, com uma felicidade
extraordinária, uma observação im-
pecável, vem nos dar um traba-
lho, que acreditamos, o critico mais
austero, em matéria de arte, não en-
contraria defeito a mencionar.

Sobre uma montanha granítica,
figurando o Ipiranga, assenta-se a
figura de uma mulher, no momen-
to em que, desesperada pelo jugo
da metrópole, avança para a frente,
despedaçada os pesados grilhões
e calcando ao pé as armas do rei-
no, profere, num arrojado grito de
independência!

A attitude dessa figura, as con-
trações, a expressão de seu rosto,
tudo, tudo, foi feito sob a melhor
observação, sem a falta do menor
detalhe.

Na base granítica, se destacam
em medalhões os bustos de José
Bonifácio, Paula Sousa, Feijó, e
outros vultos ituanos, que pelos
seus méritos representaram na po-
lítica e nas artes, papel saliente.

Finalizando, enviamos daqui um
bravo ao prof. Blackmani.

Santa Casa

O movimento da Santa Casa de
Misericórdia durante o mês de a-
gosto p. findo, foi o seguinte:

Existiam	60
Entraram	30
Sairam	23
Faleceram	5
Existem em tratamento	62

Os falecidos são:
Antônio Bonfá, Catarina M. do
Espírito Santo, Getrudes da Sil-
veira, Luísa J. Almeida e Getru-
des Antônia de Camargo.

IGREJA DE S. BENEDITO

Donativos angariados pelo Sr.
Mareolino C. de Camargo no mes
de agosto: 96\$300

Adolfo Rosa

No salão do Cinema Parque, ve-
lizou na noite de quarta feira o
seu enunciado saraú literário mu-
sical, o sr. Adolfo Rosa, estuda-
nte da Universidade de Coimbra.

O illustre môço, deleitou a plá-
ta, não só com o seu instrumen-
to, o banjoim, como com a sua
palavra fácil e eloquente.

Foi pena que a assistência fosse
tam resumida, mas esta mesma sou-
be compensar o artista com calor-
osos applausos.

Felizes noivos

Fizeram noivos
No dia 2, a menina Maria José
Giatra

No dia 3, os meninos [Eduardo
Galvão e José Flávio de Almeida
Sampaio, e a menina Olivia de
Toledo.

No dia 4, o menino Roberto
Pereira de Freitas.

A exma. sra. d. Ana da Costa
Falcato.

No dia 5, o sr. Luis Francisco
e a menina Isabel Duarte.

No dia 6, a menina Olinda de
Toledo Galvão.

No dia 7, a menina Francisca
de Arruda Almeida, e o menino
José Martini.

OS PROSCRITOS

Acha-se á venda na Federação por 500 réis, o primeiro
volume desta obra, do P. Luis de Azevedo, com um prólogo
do P. Luis Cabral.

Em Portugal foi apreendida esta obra pelo governo da
República. Está sendo traduzida nas principais linguas da Eu-
ropa.

Quem quiser percorrer uma das mais interessantes pá-
ginas de história contemporânea leia este volume da expulsão
dos Jesuítas, de Portugal.

Parece um verdadeiro romance esta história. Está escrita
em estilo llano e linguagem sem artificios nem parcialidade de
apreciação. Narra simplesmente os factos, que por natureza
convoam por vezes até ás lágrimas.

As variedades de scenas, o contrastes das pessoas que
nelas entram, os diálogos de juizos e pareceres tãto postos, as
descrições dos lugares, a noticia dos casos imprevistos tornam
aquella leitura grandemente amena e instructiva. Por ella se al-
cança um conhecimento nitido da luta entre os dois campos,
que ha séculos se debatem na Igreja.

Jesuítas e maçons! Que curioso espectáculo oferecem ao
estudo e apreciação do que são uns e outros!

A UNIÃO PAULISTA

SEDE: S. PAULO — Rua São Bento, 76 — CAIXA, 777

Distribui mensalmente um prémio em prédio ou

em dinheiro até 10,000:000

UM PRÉMIO EM DINHEIRO ATÉ 2:000:000

Cinco bonificações de 120\$000

“A UNIÃO PAULISTA” é uma Sociedade
mutualista que tem por fim, entre outros, proporcionar um CA-
PITAL ou uma CASA de moradia aos seus mutualistas.

Os mutualistas pagarão a quantia de cinco mil reis men-
salmente e concorrerão a um sorteio mensal que se realizará
sempre no dia 15 de cada mês, ou na véspera quando o dia
15 de cada mês, for feriado.

Aos mutualistas que concorrerem a 120 sorteios e que não
torem sorteados, “A UNIÃO PAULISTA” resti-
tuirá a importância total das suas mensalidades acrescidas dos
juros de 5 % que serão creditados anualmente. É um seguro
de vida modesto que se proporciona aos mutualistas que não
forem sorteados.

Em caso de falecimento do mutualista, os seus herdeiros
optarão: ou pela restituição integral das mensalidades já
pagas até essa data, ou pela continuação da sua respectiva apó-
lice, validada em nome de um dele, com todos os direitos
a ella inerentes. O mutualista que pagar adiantadamente to-
das as mensalidades de um ano terá direito ao desconto de 10 %.

Como se vê, mutualista da “UNIÃO PAULIS-
TA” em caso nenhum, independente de sua vontade, perde-
rá as quantias que nela empregar. Só os perderá quando deli-
beradamente deixar de contribuir com as suas mensalidades.

Inscrevei-vos, pois, assim como os vossos filhos na “UNIAO
PAULISTA”, que não vos arrependeréis.

Presidente Dr. Adolfo Botelho de Abreu Sampaio

Director Juridico e Secretario Dr. Estêvão A. de Oliveira

Tesoureiro Dr. José Vergílio Malta Cardoso

o Agente Vergílio Neri Brandão ITU

6. a: Emprega-se com o valor de *a* aberto, quando seja
necessário marcar a tónica, isto é: na última sílaba, segui-
do ou não, de *a*; na penúltima se a última não termina em
a(s), *e(s)*, *o(s)*, *m*, e na antepenúltima; ex: lá, serás, ideal,
fóccis, caracter,ável, frâctio. Emprega-se também para dife-
rençar *para* de *para*, preposição, e na forma verbal do preté-
rito, 1.ª pessoa do plural, *louvamos*, para a differençar da do
presente *louvamos*.

7. ã: Designa o *a* aberto átono em vocábulos que se
escrevem com as mesmas letras que outros que tem *a* surdo,
e também para denotar o acento secundário em derivados:
ex: *ádua* (de *ada*: cf. *abada*, *animals*), *pixada*, *desábar*.

8. â: Indica o *a* surdo tónico em vocábulos esdrúxulos:
ex: *ânimo*, *âmara*; ou em inteiros terminados em *i*, *u*, vogal
nasal, ditongo ou consoante diferente de *s*; ex: *édnon*, *Ambar*,
etc.

9. â: *â* nasal em fim de vocábulo, seguido ou não de
s, e nos ditongos *de, du*; ex: *lã(s)*, *mãe(s)*; *mão(s)*.

Se não há outro acento no vocábulo, vale por acento
tónico; ex: *rubbão*, e par de *rubbão(s)*.

O ditongo *ão* atono, final de formas verbais, escreve-se
am; ex: *louvam*, *louvaram*; cf. *louvaria* futuro.

Antes de *b, p* e *m* a vogal nasal *ã* escreve-se *am*, e
antes de outra consoante, *an*; ex: *campo*, *lumbes*, *emular*,
banco, *frango*, *contio*, *quando*, *lança* *ânimo*, *ranchio*, *loranpito*.

10. *ai, ei, oi, ui*, que escreve-se antes de *a, e, u*, e sem
cedilha, antes de *e, i*; ex: *faça*, *faça*, *cabendo*; *faça*, *faça*,
paço, *palacio*, *palucete*.

No interior dos vocábulos, corresponde a *ai, ei, oi, ui*, latinos,
e a *ai, ei, oi, ui*, arábicos, e nisto se differença do *s*, o qual correspon-
de a *s* latino; ex: *algar* (lat. *algiare*) *razão* (lat. *rationem*),
faço (lat. *facio*), *apafate*, *yafrão*, *refece*, *uamar* (arábicos);
paço a par de *passo*.

No começo da palavra usa-se *s* por *p*; ex: *sapala*.

Em fim de palavra escreve-se *e* e não *æ*; ex: *arô* (lat.
uicem), diferente de *arô* (lat. uicem), *arros* (arábico).

XXXVII. Os pronomes complementos enclíticos de
verbos escreve-se hão como nos exemplos seguintes: *tenho o*,
tem-lo, *tem-no*, *temo-lo*, *tende-lo*; *louvá-los*, *deu-los*, *uni-los*;
louvai-los, *deve-los*, *une-los*; *vê-mo*, *vê-to*, *vê-lho*, *vê-no-lo*, *da-
va-vo-lo*, *vicem-se-lhe*, *comprimo-la*, sem se indicar por apó-
strofo a supressão de *e* e de *s*, que é de regra; *tem-lo*, está
por *tenso*, *vê-mo*, por *vê-me o*. O verbo conserva e acentua-
ção marcada que lhe competiria sem complementos, e as-
sim á a sua pronunciação.

XXXVIII. Reúnem-se em uma só dicção, sem apóstro-
fo ou hífen, os seguintes pronomes, precedidos das preposições
a, de, em, por: *ao(s)*, *à(s)*, *do(s)*, *da(s)*, *aquele(s)*, *aquele(s)*,
dele(s), *dela(s)*, *dêste(s)*, *dêstas(s)*; *aquele(s)*, *daquela(s)*, *de-
se(s)*, *dessa(s)*; *naguel(s)*, *naguel(s)*, *nesta(s)*, *nessa(s)*, *nessa(s)*,
nessa(s); *disto*, *disso*, *daquilo*, *nisto*, *nisso*, *naguilo*, *noutro*.

Outro tanto acontece com os artigos *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uns*,
uma(s), e os advérbios *aqui*, *ai*, *ali*, *aló*, *além*, *onde*; ex:
do(s), *da(s)*, *pelo(s)*, *pelo(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *aonde*, *donde*, *dali*,
dol, *dacola*, *dalém*, etc.

Quando porém esses pronomes rejam orações de infinito,
a preposição conserva-se há inteira e separada; ex: *por cau-
sa de elles não quezerem*; *em razão de os não ter visto*.

As demais elisões, que no decurso da lala ou da leitu-
ra se costumam fazer, não são indicadas na escrita; não se
escreverá pois: *d'idade*, *d'entrada*, mas sim de *idade*, de *en-
trada*; pelo mesmo motivo *p* que se não escreve *vin'le um*,
conquanto o *e* de *vin'le* si se não profira. São elisões e crá-
ses que á escusado representar na escrita, e algumas das
quais são facultativas, quer individual, quer ocasionalmente.

XXXIX Divisão silábica

A divisão de um vocábulo, qualquer simples em sílabas
far-se há foneticamente pela soletração e não pela separação
dos seus elementos de derivação, composição ou formação,
contanto que a dicção composta não tenha os seus elementos
apartados por hífen (2). Desta maneira dividir-se há, por exem-
plo, *subscreever*, como *subscreever*, do mesmo modo porque a

A BOA MARGARIDA

GUARDARÁS CASTIDADE

II

O cabelereiro foi hoje penteá-la, sra. d. Rita ? perguntou Flávia, à tia de Carolina, que tinha o cabelo muito desarranjado.

Não, minha filha, respondeu a senhora sem atender à insolente gargalhada com que Flávia acompanhara a sua pergunta; ninguém me penteou, porque tive esta manhã muito que fazer.

Que desfaçamento de criatura! disse consigo o sr. de Vilaverde olhando com enfado para sua filha.

E' diabólica! mas tem tanta graça! exclamou d. Josefa abraçando e beijando Flávia.

Não posso fazer sotrer tua irmã, disse Carolina, a moçoiva, a Margarida.

Deixá-la, esse é o seu génio, disse brandamente a menina.

Isso é que a faz aborrecida por todos.

Perdoa-lhe, Carolina.

Só por ti freqüente esta casa.

Porque estás a olhar tanto para mim, Carolina? perguntou Flávia. Tenho alguma cousa de menos na cara?

Apezar da minha pouca vida, vejo perfeitamente que andas quasi sem vestido, e desejava perguntar-te se é agora moda é-se feito, disse Carolina.

Para mim é de certo, disse Flávia sem desconcertar-se.

E também para mim, acudiu sua mãe com certa acrimonia.

Se eu fosse um armazém de ossos também a «mamãe» se oporia a que me vestisse como me visto, não é verdade? perguntou Flávia, olhando com ares de desafio para Carolina.

Um armazém de ossos... como eu? disse Margarida sorrindo, e desejando evitar a explosão da ira que ameaçava o rosto de Carolina.

Não deve desaperar, minha irmã, porque ainda há quem seja mais feia e magriçela do que tu, disse Flávia, olhando para Carolina com modos de desafio.

Felizmente apareceu naquele momento um lindo cãozinho preto de d. Josefa. Flávia abandonou o banco, e sentou-se no chão sem se lembrar de compor as saias, muito curtas já de si, e que se tinha levantado.

A posição da menina era tão indecente, que todos ao vê-la, se olharam assombrados; porém sua mãe começou a rir, estimando muito que sua filha deixasse ver a beleza do seu corpo.

Flávia, levanta-te daí!

plou seu pai enfadado.

A menina que o temia muito, levantou-se, e murmurando foi encostar-se à cadeira onde se sentava sua mãe.

Se esta menina continua assim, disse d. António de Lara, não chegará a ser uma senhora honesta e por certo não seria eu que consentisse que filho meu com ela casasse.

Nem eu, murmurou a condessa de Nieva.

E se assim continuar muitos desgostos hão-de ter os pais.

Certo que sim, disse a condessa.

Neste momento ergueu-se d. Rita para retirar-se, pois via que sua sobrinha estava profundamente magoada com as insolências de Flávia, e dirigindo-se a d. Josefa para despedir-se, viu Carolina vitimada por uma nova insolência e não podendo conter-se, disse-lhe:

Aconselho-a, minha se-

hora, que prenda esta menina quando por ventura espere alguma visita, porque aliás expor-se há a muitos desgostos.

Para que os não presencie pede a senhora d. Rita deixar de frequentar esta casa, respondeu d. Josefa.

Já tinha tenção disso, disse d. Rita, pois não costume tollerar que me faltem ao respeito, a mim ou aos meus.

E dizendo isto, saiu com Carolina, a quem Margarida abraçou ternamente.

Pouco depois, e logo em seguida a um breve silêncio despediram-se todos ficando só d. Josefa, seu esposo e as duas meninas.

Foge da minha presença gritou o sr. de Vilaverde, dirigindo-se à Flávia, ainda bem não tinham bem saído todos,

Continua

VENDE-SE NAS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS DESTA CIDADE



Caixa Postal, Depósito geral e Casa filial - Rua Conselheiro Sarney, 14 e 16 - CAIXA POSTAL, 148 - Rio de Janeiro

CASA MATRIZ - PELOTAS - Rio Grande do Sul

PREVIDÊNCIA

A PREVIDÊNCIA

CAIXA PAULISTA DE PENSÕES Autorizada pelos decretos ns. 6.917, 7695 e 8802 do Governo Federal e com depósito de 200 contos no Tesouro. AGÊNCIA EM TODO O BRASIL SEDE EM S. PAULO

Rua Quintino Bocaiuva, 4 1 andar, esquina da rua Direita - Caixa-Postal, 553 Telefons 431 - End. Tel. "PREVIDÊNCIA"

Agência no Rio: Avenida Central, 95, 1o. andar

Pecúlios e pensões

SÓCIOS INSCRITOS em 5 anos CAPITAL SUBSCRITO até o dia 28 de Fevereiro CAPITAL DE PENSÕES até o dia 15 de Janeiro a Previdência é a sociedade de pensões e pecúlios mais importantes do Brasil, e que conta com o maior número de sócios e capital.

Com 5\$000 por mês obtém-se depois de 10 anos uma pensão de 100\$000 mensais no máximo por toda a vida, e com 2\$500 por mês obtém-se depois de 15 anos uma pensão de 150\$000 mensais no máximo por toda a vida.

A SECÇÃO DE PECÚLIOS compõe-se das três séries seguintes: PECÚLIO POPULAR: 10:000\$000 aos herdeiros ou pessoa previamente indicada pelo sócio e 300\$000 para o funeral. A contribuição por falecimento é de 10\$000 e a jóia de inscrição 300\$000, podendo ser paga em prestações mensais. Esta série é de 1.300 sócios.

PECÚLIO GERAL - 30:000\$000 aos herdeiros ou pessoa previamente indicada pelo sócio e 1:000\$000 para o funeral. A contribuição por falecimento é de 15\$000 e a jóia de inscrição 1:000\$000, podendo ser paga em prestações mensais. Esta série é de 3.000 sócios.

PECÚLIO ESPECIAL - 50:000\$000 aos herdeiros ou pessoa previamente indicada pelo sócio e 1:000\$000 para o funeral. A contribuição por falecimento é de 50\$000 e a jóia de inscrição 1:000\$000, podendo ser paga em prestações mensais. Esta série é de 1.300 sócios.

ABATIMENTO - As inscrições conjuntas de marido e mulher em qualquer das 3 séries, gozarão do abatimento de 25 por cento sobre as jóias do pecúlio escolhido.

PRÊMIOS - O PECÚLIO POPULAR terá direito a prêmio, em dinheiro de 300\$000 a 2:000\$000 por ano. Os pecúlios GERAL e ESPECIAL terão direito aos prêmios de 1:000\$000 a 5:000\$000 por ano, cada um.

Para quaisquer dos pecúlios citados a sociedade aceitará sócios cujas idades estejam compreendidas entre 20 e 55 anos.

Atentas as hõs vantagens da nossa secção de pecúlios, estamos certos que, em breve, a PREVIDÊNCIA te-la há na mesma situação lisonjeira em que se acha a de pensões vitalícias, que conta hoje mais de 77.900 sócios inscritos.

Peçam prospectos e informações Ao Agente nesta cidade Vergílio N. Brandão

palavra escrever se não divide como e se escrever, e veser, pastora, como vez es, pasto ra, mas sim como ve as, pastora. Assim também, ai recção, a dop tar, su bair díos, de sastrado, de sar mar, i ná bil, di sa vó, pres lau te, vir cunstån cia, etc., etc.

Para a segunda linha e para a soletração pertencem à vogal que se lhe segue as consoantes que podem começar palavra; assim teremos co bra, am pla, porque temos bra co, pla ya, ecli pse (cf. psicologia).

XL. Quando o s dos prefixos des-, dis-, é seguido de consoante separa-se dela; se depois se lhe segue vogal, pertence a esta, e com ela forma sílaba; ex.: des fa zer, dis tri buir, mas de sen ga nar, de sen vol var.

XLI. Das consoantes iguais separam-se; ex.: ar rascar, as sistir, em malar, en nasrar.

XLII. As palavras compostas dividem-se pelos seus componentes; ex.: porta vo, vice-almirante, repetindo-se na linha inferior o hífen.

XLIII. Nos vocábulos formados com o prefixo ex-, fica este separado do segundo elemento ao dividir-se ou solettrar-se a palavra; ex.: ex ér cilo, ex ce der.

XLIV. São inseparáveis as letras dos seguintes grupos de consoantes: bl, cl, dl, fl, gl, pl, ll, vl, br, cr, dr, fr, gr, pr, tr, vr; ch, lh, nh; sc, ps.

Se, porém, o s se lê separado do e no interior do vocábulo, separado se divide; ex.: des cer, cõs cõ, pros cõulo; mas en sco na ção.

XLV. São igualmente inseparáveis duas vogais consecutivas, formem ou não ditongo; ex.: aipo, cau sa, rainha, proçõnio, gõe la, paci ra, pro nõtã cia, vuar, vãa, ã gua, moiuho, é gua, iguais, con tinnua, con ttinnua, fu mē lia, se ria, sē ria, rea li dade, rei cu lo.

XLVI. O u depois de q ou g é dele inseparável, quer seja mudo, quer se pronuncie; ex.: fre quente, quã tu, gacr ra, aguen tar, ar gũr.

PRONTUÁRIO ORTOGRÁFICO

Súmula das principais regras que se hão de observar na escrita das palavras e formas vocabulares portuguezas:

1. O alfabeto portuguez consta das seguintes vinte e quatro letras, e de mais três, que sómente em circunstâncias especiais se empregam e aqui vão incluídas em parêntese surruffaço:

a b c ç d e f g h i j (k) l m n o p q r s t u v (w) x (y) z.

2. Além destas letras, há outros caracteres, que ora são figurados por duas letras emparelhadas, ora por sinais diacríticos, sobrepostos a várias dessas letras. Assim augmentado, o sistema de escrita portugueza compõe-se de 53 símbolos:

a, á, à, â, ã; b; c, ç, ce, ci, ch; d; e, é, ê, ê; i; ge, gi, g; gu, gú; h; i, í, j; (k); l, lh; m; n, nh; o, ó, ô, õ; p; qu, qú; r, rr; s, es, sc; t, u, ú, ù; v; (w); x; (y); z.

O valor d'êstea caracteres, excluídas as letras k, w, y, está exemplificado nas palavras seguintes: par, pá, aquela, cõda, lã; cá; praça, cela, cinta, chã; dade; de, se, pregar, sê; fõz; gena, gis, gago, guerra, aguentar; há; li, fígado, falear; já, lá; lhe; m; nõ, lenha; lado, capa, põ, mldhada, avô, pôe; que, freqüente, caro, ré, carro; só, passo, scena, casa; tu; fuga, último, saudar; vau; xudres, exame, sexo, próximo, lezto; zêlo.

3. Dêstea caracteres tem um único valor e emprego os nove seguintes: ð, ð, f, j, l, p, qu, t, v.

Os outros caracteres variam de valor.

4. a: Designa o a aberto quando está na sílaba tónica principalmente, e em sílaba átona se está seguido de l; ex.: cabo, fallo.

5. Fora da sílaba tónica denota em geral o a surdo, bora, parede, camarote.

O a surdo pode ser tónico, se está antes de consoante nasal, m, n, nh, ex.: cajna, canu, manha, leuamos.

Filhas de Maria

Na CASA ECLÉCTICA, à rua Direita 55; encontra-se Medalhas-distintivo para a congregação das FILHAS DE MARIA; tanto de prata como de alumínio.

Medalha de S. Bento, S. Benedito, S. António, N. S. das Dores, S. S. Coração de Jesus e de Maria, S. Brás, S. Inácio, Divino Espírito Santo, S. José, Anjo da Guarda, N. S. do Rosário, S. Francisco de Assis e muitas outras invocações.

Escapulários de N. S. das Dores e do Carmo.

Rosários correntes de prata; Pate Noster, Livros de Devoção &c.

R. Direita, 55 — Ita

Para debelar as impurezas do Sangue, basta usar o grande depurativo do sangue «Elixir de Nogueira», de farmacêutico-químico SILVEIRA. A venda nesta cidade.